

LUTA ARMADA



ISABEL DO CARMO

LUTA ARMADA

As Brigadas Revolucionárias, a ARA e a LUAR
contadas pelos próprios protagonistas.
E os dias de fúria da Europa rebelde
da segunda metade do século xx.



D. QUIXOTE



Título: *Luta Armada – As Brigadas Revolucionárias, a ARA e a LUAR contadas pelos próprios protagonistas. E os dias de fúria da Europa rebelde da segunda metade do século XX*

© 2017, Isabel do Carmo e Publicações Dom Quixote
Todos os direitos reservados.

Capa: Rui Rosa

Fotografia da capa: direitos reservados

Fotografia actual da autora de António Pedro Ferreira, tendo nas mãos uma fotografia da mesma nos anos 60, da autoria de Ernesto de Sousa

Fotografias em extratexto: Fotos 39, 41, 43, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53 e 55 © GettyImages;
todas as restantes fotografias têm direitos reservados.

Revisão: Eda Lyra

Paginação: LeYa

Impressão e acabamento: CEM

1.ª edição: Outubro de 2017

Depósito legal n.º 429 303/17

ISBN: 978-972-20-6363-0

Publicações Dom Quixote

Uma editora do Grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

www.dquixote.pt

www.leya.com

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990.

PORQUÊ E COMO ESCREVI ESTE LIVRO E AS RESPOSTAS QUE FUI ENCONTRANDO PARA AS MINHAS PERGUNTAS

A decisão de escrever este livro baseou-se em razões que advêm da minha observação e reflexão sobre a luta armada. Mas para o fazer tive que procurar também reflexões dos outros, ditas e escritas. E ao fazer o livro surgiram-me hipóteses e encontrei respostas para algumas. É essa estrutura que passo a expor.

Porque escrevi este livro

Pertenci a uma organização armada. Este facto faz-me reflectir sobre a matéria, tanto no que diz respeito ao nosso país como a outros países europeus. A reflexão estende-se à questão da violência em geral e aos antecedentes históricos dos que se reclamam do socialismo nos últimos dois séculos, com continuidade que vem até aos nosso dias.

Tem havido um défice de informação sobre os factos relacionados com acções armadas que ocorreram antes do 25 de Abril na luta contra a ditadura. A nossa história contemporânea deverá incluí-los como parte dessa luta. Só poucos autores o fazem.

A maior parte das acções armadas aqui descritas decorreu no período marcelista, que inicialmente criou ilusões, mas que se veio a mostrar com toda a crueza na guerra colonial e na repressão no nosso país. As outras acções aqui descritas e que as precederam são também da segunda metade do século xx e ocorreram na sequência da fraude eleitoral que levou à derrota do general Humberto Delgado e à evidência de não poder haver qualquer ilusão de passagem pacífica para a democracia.

As três organizações aqui visadas – LUAR, ARA e Brigadas Revolucionárias – tiveram desde o início o propósito de não fazer atentados a pessoas, mesmo aos piores inimigos, e assim foi. Isto tem que ser relevado, como excepcional que foi no panorama dos grupos armados, na Europa rebelde e em outras zonas do mundo. E, no entanto, isto é habitualmente esquecido ou propositadamente confundido.

Como a esperança de vida se tem alongado, ainda estão vivos e recomendam-se protagonistas das organizações armadas, aqui representadas pelo Carlos Antunes, o Raimundo Narciso, o Camilo Mortágua, a Maria Machado e eu própria. São memórias vivas que é necessário aproveitar enquanto é tempo.

Quando se recorda aquilo a que eu chamo os dias de fúria da Europa rebelde e o teatro de confrontos que aconteceram cerca dos últimos 40 anos do século xx, aquilo que fica é muito do que nos legou a imprensa sensacionalista. Em Espanha realçaram-se as lutas nacionalistas e apagaram-se os movimentos violentos que expressavam a luta de classes e a respectiva repressão. Em França a expressão dos confrontos é reduzida a clichés relacionados apenas com os estudantes. Em Itália é apagado da memória todo o movimento dos anos 70 e a acção das Brigadas Vermelhas é reduzida ao assassinato de Aldo Moro, sem contextualização na intriga internacional. Na Alemanha os acontecimentos que vão dos anos 60 aos anos 90 do século passado são contados apenas como os malefícios de um bando desvairado a que dão nome de pessoas. Senti necessidade de ir

mais longe e de pôr em língua portuguesa um maior aprofundamento.

A banalidade do estado do mundo em relação ao «terrorismo», aquilo que é e o que não foi, obriga a reflectir sobre o assunto e a demonstrar que é um fenómeno terrível o que se está a passar, bem diferente do que se passou no nosso país e no resto da Europa.

Como escrevi este livro

A questão da violência entre os seres humanos, nos grupos e nos Estados, proporciona uma reflexão apaixonante, visto que é única nas espécies animais com esta configuração, e por isso tenho estudado o assunto com o apoio bibliográfico de algumas fontes confiáveis.

Os meus filhos fazem-me perguntas acutilantes sobre os assuntos das lutas no passado, tentando desconstruir a narrativa simplista. Ainda bem que o fazem, o que me leva a reflectir sobretudo sobre o que em nós também existia como sementes dos erros que fizeram degenerar em histórias dramáticas os sonhos colectivos. Mas também sobre as razões profundas que nos fizeram muitas vezes passar ao lado do quotidiano e ter que enfrentar condições bastante duras, das quais eles não se queixam, porque consideram que lutávamos por causas justas. Felizmente que a desconstrução dos estereótipos nunca os afastou de, tal como nós, se situarem do lado da luta pela igualdade.

Investiguei tanto quanto pude, nos pensamentos escritos e nos factos registados aquilo que nos séculos XIX e XX constituiu os caminhos das sementes do diabo, tanto nas vanguardas políticas como nas verdades absolutas, como nos compromissos, tentando perceber os bons e os maus antecedentes das nossas lutas e também os percursos heróicos dos que ficaram para trás e cujos nomes se foram apagando na memória.

Entrevistei três actores das organizações armadas. Escolhi estes porque foram pessoalmente decisivos no pensamento, na organização e na participação das três organizações. Estas entrevistas não foram feitas colocando-me eu em posição de jornalista, que aliás não sou. Estou demasiado dentro dos factos e portanto foram mais conversas do que entrevistas, no sentido em que encaminhei as perguntas num terreno conhecido. No entanto, as respostas foram integralmente registadas. Este registo traduz muitas horas e vários dias de conversa, em que os entrevistados, que são meus amigos, tiveram a paciência de estar na minha casa. Quanto ao Carlos Antunes, que foi meu companheiro muitos anos e embora estes assuntos tenham sido muito conversados entre nós, procurei colocar-me tão de fora como com os outros, o que traz sempre um aprofundamento diferente e obriga a reflexão. Das três entrevistas há registos integrais nos arquivos do *Memoriando*, de que a minha filha tem sido guardiã, e reforçam a importância da história oral. Depois de entrevistar estes homens, verifiquei que mais uma vez tudo ficava reduzido ao universo masculino. Por isso pedi à Maria Machado que desse um depoimento escrito sobre a sua vida e eu própria escrevi uma nota sobre aqueles anos. Para que a memória fique.

Este livro não descreve em detalhe as várias acções armadas dos grupos portugueses. Tal já foi feito por outros autores em relação aos antecedentes aqui evocados, como o assalto ao paquete *Santa Maria*, o golpe da Sé, o assalto ao quartel de Beja. As acções antecedentes ou integrantes da LUAR foram descritas por Camilo Mortágua nos dois livros que constam na bibliografia, a acção desta organização na Covilhã foi descrita por Pereira Marques e Hipólito dos Santos, que nela participaram, tal como a organização pró-armada da emigração política, nos respectivos livros mencionados nas fontes bibliográficas. O assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz foi descrito por Luís Vaz. O percurso e a fuga de Palma Inácio são detalhados por Pereira Marques. As peripécias políticas ocorridas na Frente Portuguesa de Libertação Nacional e a sua relação com o general Humberto Delgado são relatadas no

livro do seu neto, Frederico Delgado Rosa. As acções da ARA, com a sua descrição e os respectivos comunicados estão descritas com rigor e detalhe nos livros de Raimundo Narciso e Jaime Serra¹. As acções das Brigadas Revolucionárias foram descritas no Dossier Brigadas Revolucionárias, no *site* Memoriando e no livro *Mulheres de Armas*, de Isabel Lindim. O facto de tudo isso já ter sido descrito não impede que haja novos autores, talvez mais jovens, que investiguem procurando fontes diversas, entre elas os arquivos da PIDE existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Há com certeza dados inesgotáveis para quem queira escrever sobre um caso ou vários casos. Não foi, no entanto, a procura de detalhe que me levou a escrever sobre as três organizações. Foi antes perceber percursos de vida, sentimentos e emoções.

Assinale-se também que responsáveis das três organizações e investigadores da Universidade Nova, dirigidos por Fernando Rosas, em parceria com o Instituto de História Social de Amesterdão, entregaram um projecto de investigação à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), que foi recusado com justificações que considerámos pouco convincentes. Depois veio a crise, a troika e tudo o que menos passou a interessar como investigação foi a resistência à ditadura.

Embora o livro trate das organizações a partir dos anos 60 do século XX, achei que havia antecedentes históricos importantes e que as inspiraram. Desse modo fui buscar o que se passou como violência na fundação dos Estados Unidos da América (EUA), durante o século XIX e início do século XX, as questões que aí se colocaram de relação entre a violência física de exploradores e explorados, luta sindical e luta política, de forma tão concentrada e tão explícita como talvez não se tenha posto noutra região. Delas herdámos as comemorações do 1.º de Maio e do 8 de Março e ficam para trás os acontecimentos que as geraram e que a generalidade das pessoas

¹ Jaime Serra (1921 –) – membro do Comité Central e da Comissão Executiva do PCP. Um dos presos da fuga de Peniche em 1960. Fundador da Acção Revolucionária Armada (ARA).

não lembra ou não conhece. Achei também que deveria explicar um pouco o que foi a insurreição em Lenine, afinal a fonte inspiradora do leninismo dos anos 60, 70 e 80 do século xx. Para estes dois antecedentes procurei algumas fontes bibliográficas, e tanto no primeiro como no segundo caso os escritos dos próprios autores e actores.

Considerando que as raízes dos acontecimentos políticos da segunda metade do século xx têm origem nas organizações designadas como dos trabalhadores anarquistas, sindicalistas, marxistas, comunistas e socialistas, não podia deixar de procurar um fio condutor, naturalmente esquemático, mas interpretativo, do que foram estas organizações e as suas derivas até à actualidade, determinando a situação política e social que se vive hoje. Procurei fontes bibliográficas, tanto em livros como em *sites*, indo tanto quanto possível até aos documentos originais publicados de forma fidedigna.

Em relação às organizações armadas que ocorreram a partir da década de 60 do século xx descrevi o que se passou na Espanha, na França, na Itália e na República Federal da Alemanha, pois há semelhanças temporais, de organização e de inspiração em todas elas, tal como era comum o contexto mundial onde se inseriram. Em relação aos EUA descrevo uma organização que me parece muito equivalente às europeias da mesma época, o que aliás é evidenciado por alguns investigadores, os Weathermen. Mais uma vez, para estes casos recorri a fontes em livros, artigos e *sites* com credibilidade, o que em alguns casos foi difícil. Não descrevo as organizações nacionalistas IRA e ETA, pelas razões de que falo no pequeno capítulo dos Ausentes. Também não falo das organizações armadas da América Latina, nem dos movimentos de libertação das colónias, que fugiam ao âmbito deste livro e que têm características muito diferentes das aqui focadas.

Achei ainda que poderia fazer uma síntese dos vários movimentos e grupos dispersos, actuais, que têm contestado o sistema e que praticam por vezes um ilegalismo que, não sendo violento e sem atingir pessoas, dá no entanto algum aspecto do outro lado do activismo, que não se reduz às formas mais convencionais.

Hipóteses e respostas

Ao longo deste trabalho e com a informação recolhida fui pondo hipóteses e cheguei a algumas respostas. Foi de facto nos EUA que primeiro se afrontaram com clareza e com violência as duas frentes, o proletariado face ao capital, que aí desenvolvia uma acumulação primitiva veloz, diferente do que tinha acontecido na Europa. Cheguei à conclusão que as insurreições e revoluções nos outros países europeus tinham sido dadas como encerradas nos anos 20 do século xx, quando na URSS foi defendido o «socialismo num só país», almofadado depois por uma cerca de países satélites a seguir à Segunda Guerra Mundial. E quanto a nós, os militantes, só muito tardiamente percebemos isso, tal como fomos percebendo, devagar e tardiamente, que o estalinismo foi uma contra-revolução. Reforcei também a ideia de que as ditaduras de Portugal, da Espanha e da Grécia tinham sido postas debaixo do tapete pelas democracias ocidentais. Confirmei ainda que o maoísmo nestes países tinha sido uma emergência juvenil, mas uma grande ilusão.

Todas estas questões vieram também ao de cima no sobressalto europeu e em todo o continente americano nos anos 60, 70 e 80 do século xx, em que a juventude foi protagonista. Muitos acharam que aos 20 anos «o melhor que se pode fazer por uma ideia é morrer por ela», como dizia Brecht.

Quase todos os analistas dizem que fomos derrotados ou «recuperados». Não penso assim. Acho que as ideias e as lutas vão sedimentando e que temos que analisar estes factos e estes pensamentos numa forma dinâmica, complexa, dialéctica. E em Portugal a luta armada contribuiu para o derrube do regime.

Uma análise dos movimentos armados europeus leva-nos à evidência indesmentível de que a dado momento consideraram-se justiça proletária e condenaram à morte. Não foi o caso português e considero que em todas as circunstâncias sou contra a pena de morte. Mas analisando esses movimentos e a sua cronologia vejo que o início da ultrapassagem do risco vermelho foi em actos de

confronto aberto. E, pelo menos nas Brigadas Vermelhas (BV) e na RAF (conhecida por Baader-Meinhof) foi depois da infiltração pela polícia (ou outros poderes) que se deu a maior radicalização e militarização e que estas organizações só cometeram os actos mais violentos anos depois de os seus dirigentes estarem presos. Este flão devia ser mais investigado. No segundo caso muito tempo depois de estarem mortos e enterrados, os Baader-Meinhof continuavam a cometer execuções de acordo com a imprensa, embora dizendo que era a RAF. Aliás é interessante também observar o papel da imprensa nesses anos. Por exemplo, o que se passou em Itália ficou reduzido às Brigadas Vermelhas, quando foi muito importante o movimento autónomo que de 1973 a 1979 abrasou o país, fez rupturas, trouxe novas ideias e é completamente diferente e separado das BV.

Por fim interroguei-me e interrogo todos nós sobre as «verdades» porque lutámos e porque lutamos, a sua evolução e os caminhos que se abrem ou não para o futuro, neste presente de lusco-fusco.

Fiz uma cronologia internacional extensa para a qual me servi de várias fontes. É uma cronologia que tem um sentido e a sua leitura sequencial, por si só, pode ser um instrumento de reflexão. A cronologia nacional é menos extensa, mas também ela é direccionada.

Este não é um trabalho académico e portanto não são citadas fontes ao longo do texto, a bem da sua leitura. Foram necessárias algumas notas de rodapé quando se fala de pessoas ou de algum assunto que só é do conhecimento de poucos. Quanto a factos, todos os descritos foram documentados em fontes credíveis. As interpretações são as minhas.

Escrito através das minhas memórias e de outras que me estão próximas, de vivências e de leituras ao longo da vida, este livro é também o resultado de uma escrita que é como as cerejas, vêm umas atrás das outras e não podemos deixar de as comer ou de as escrever...

Isabel do Carmo